Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 10.02.2020

A ASCENDÊNCIA DO FASCISMO, A DOR DA EXISTÊNCIA E A ÉTICA DO CUIDADO

2019

Érika Mesquita
Cientista Social, Psicóloga, doutoranda Letras - UFAC, Brasil

E-mail:
erikamesquita28@gmail.com

RESUMO

Este trabalho trata de trazer à tona o facismo e o mal-estar dos sujeitos na civilização/cultura. Busca-se pensar a ascenção do fascismo como uma crise inerente a sociedade e seus sujeitos, logo, produto desta sociedade doente. Utilizou-se da base marxista e também as acepções de Arendt, Adorno e Freud para pensar a crise do presente e ascenção do fascismo perpassando tambem pelo sofrimento psíquico para pensar a ascenção do fascismo atual.

Palavras-chave: Mal-estar, fascismo, psicanálise.

Copyright © 2020.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Pensar no mundo atual, remete-se a este cenário mundial e seus matizes, advindos com o colapso do socialismo no leste europeu, e consequentemente com a expansão do capitalismo em nível global. Esse panorama comunga de aspectos econômicos, passando por políticos, culturais e sociais trazendo consigo benfeitoria a poucos e malefícios a muitos, principalmente na questão social, na qual indivíduos e classes sociais - que não podem desfrutar das regalias de uma classe dominante que compõe a sociedade global desigual e problemática -, vivem à sua margem,

discriminados e condenados à eterna exclusão. Esse horizonte contempla as controvérsias, principalmente a partir da modernidade, que se pode imaginar as possibilidades e os impasses da

pós-modernidade no novo mapa do mundo, que é o da era da globalização, como demostra Octávio Ianni (1997. P. 78),

> "(...) a sociedade global pode ser vista como uma configuração simultaneamente histórica e teórica, na qual se subsumem, em larga medida, as sociedades nacionais, os indivíduos, as coletividades, os movimentos sociais, as correntes de opinião pública, as formas de trabalho e produção, a movimentação das forças produtivas, as classes sociais, as acomodações e tensões, as guerras e as revoluções, ou pode ser vista como uma imensa nebulosa vagando pelo espaço e tempo, como se estivesse ao acaso, sem norte ou extraviada, anônima, inominada, em busca de significado."

Observa-se sobre esse momento mundial, que o conceito de globalização deixou de ser um conceito para se transformar em panaceia, em que tudo acontece por causa da globalização e tudo se resolve por meio dela. As panaceias não explicam nem resolvem nada, apenas ocupam o lugar das análises e deixam felizes as pessoas que pensam estar entendendo aquilo que, na verdade estão apenas aceitando; e mais uma vez as elites revestidas com máscaras outras, dominam altiva e imperante a grandiosa massa popular global (Souza, 1996 p.2).

Com esse panorama está se adentrando em um mundo de (com)fusão, e na (com)fusão a racionalidade pode perder o sentido. Em sendo este aspecto característico de um momento de crise, sabe-se que não se sai imune à crise, porque ela traz à tona, o que está recalcado. E este é o caldo de cultura para obscurantismos, ortodoxismos e falta ou ausência de sentido no mundo da vida vir à tona. O homem diante de crises, segundo Adorno (1951) regride a padrões de conduta, que contradizem de modo flagrante seu nível racional; e um dos potenciais de resistência do homem e das massas é a racionalidade. A fragilidade dessa racionalidade é o que se percebe tendo como pano de fundo a crise na qual se busca (sobre)viver. Para pensar sobre essa falta de racionalidade, característica de uma regressão coletiva, que reflete também o campo individual, esboça-se essa pequena interpretação.

A CRISE E O FASCISMO

Freud explica que é de uma natureza pulsional a energia que mantem a coesão das massas dentro de uma certa racionalidade, logo, se não há racionalidade, problematiza-se também essa coesão. Daí busca-se compreender o ressurgimento do fascismo. Para compreender esse retorno de

algo recalcado tem-se que entender que a condição social do sujeito se deve aos processos pulsionais de seu corpo em sociedade. Freud começa a pensar sobre o tema em Totem e Tabu (1913), onde apresenta o mito social da horda primitiva sobre as origens da sociedade, e nessa acepção, tem-se no totem a referência as identificações (reconhecimentos, um ideal de eu) e no tabu tem-se as leis (proibições/limitações), e ambos necessitam ocorrer juntos. Os totens, nesta acepção, também representam as identificações em relacionamentos sociais.

Para Adorno o mecanismo que transforma a libido em vínculo entre o líder e seus seguidores, e entre os seguidores e eles mesmos, é o da identificação com sua ambivalência – a projeção. De acordo com o mesmo Adorno (1951) os objetivos autoritários irracionais, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, ocorrem pela idealização/fantasia que pretende-se alcançar, através do despertar de uma parcela da herança arcaica do indivíduo. A identificação gera a busca pelo gozo próprio dela mesma, que o indivíduo idealiza no simbólico. Isto é, pode ocorrer a identificação com uma representação ou com a lei. A identificação é "a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo" (Freud, [1921] 2011 p.83). O resultado desse conflito é o fortalecimento dos impulsos narcísicos, que só pode ser absorvido e satisfeito através da transferência parcial da libido narcísica para o objeto, ou seja, através da idealização/fantasia, que se manifesta de maneira simbólica.

Toda essa interpretação se dá, tendo como base a primeira tópica da pulsão de Freud. Já quando Freud desenvolve a segunda tópica, e acrescenta o conceito de pulsão de morte, torna-se impossível essa acepção de harmonia entre pulsão e civilização. A partir da segunda tópica das pulsões, Freud enuncia o mal-estar na cultura/civilização e expõe o desamparo original do indivíduo, com o mundo da vida/cultura, aqui quase sinônimo de linguagem, como representação simbólica. Os conceitos de desamparo e de mal-estar na cultura/civilização revelam a emergência da fragilidade humana num mundo onde não seria mais possível pensar na auto regulação da natureza (Freud, [1921] 2011). A partir daí o circuito pulsional é dado pela subjetividade de estar com o Outro, logo, sem o Outro não existiria o circuito pulsional. A dádiva do outro é de fundamental importância para a interpretação simbólica do indivíduo, e o outro pode ser a identificação do indivíduo consigo mesmo, de forma mais ou menos consciente, e que determina o tom dos laços sociais e suas relações.

DO LÍDER: SUPOSTO SABER?

Responsável pela lei/ordem em Psicologia das massas e análise do eu, Freud afirma que o líder, na horda primeva, era similar ao super-homem nietzschiano:

> "O pai da horda primeva era livre. Seus atos intelectuais eram fortes e independentes mesmo no isolamento, sua vontade não carecia do reforço dos demais. (…) Ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem amados igualmente e justamente pelo líder, mas este não precisa amar ninguém mais, é-lhe facultado ser de natureza senhorial, absolutamente narcisista, mas seguro de si e independente" (Freud [1921] 2011, p. 47).

Esse líder é representado como um "suposto saber" que busca ferozmente a interdição do gozo do outro. Adorno (1951) expõe o caráter narcísico deste líder quando expõe:

> "O líder só pode ser amado se ele mesmo não ama. Apesar disso Freud está atento para um outro aspecto da imagem do líder, que, aparentemente, contradiz dessa primeira. Embora apareça como um super-homem, o líder também precisa fazer o milagre de parecer uma pessoa comum, fazer como Hitler, que posava como um misto de barbeiro suburbano e King Kong. Também isso Freud explica com sua teoria do narcisismo. (...) Inclusive os assustadores sintomas de inferioridade presentes nos líderes fascistas, sua semelhança com os atores amadores e psicopatas sociais (...) A imagem do líder gratifica o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade. De resto isso se encaixa bem em um mundo no qual ainda existe controle irracional, apesar dele não ter mais convicção interior, perdida graças ao esclarecimento universal. As pessoas que obedecem aos ditadores sentem que eles são supérfluos, resolvendo essa contradição assumindo que são elas mesmas os cruéis opressores" (Adorno, [1951] 2006, p. 178).

Precisamente, Adorno interpreta a figura do líder fascista. É essa idealização de si mesmo que o líder fascista busca promover em seus seguidores. A eficácia do discurso desse líder fascista está pautada pela fala para uma coletividade sem autonomia, homogeneizada e massificada, que busca neste líder uma possível "cura" para sua angústia de existir no mundo com os outros. Não obstante, sabe-se que essa fantasia não é duradora, e mais cedo ou mais tarde, esse indivíduo depara com o desamparo. Desamparo este constituinte do ser.

De acordo com esboços de Freud, o problema da Psicologia de massa está relacionado com uma patologia social característica da modernidade, em que os problemas de base socioeconômica testemunham o enfraquecimento do indivíduo, limita sua liberdade cerceando sua liberdade de ser. A sociedade global é, por assim dizer, o novo palco por onde se apresenta a história mundial, encenando ora atos cômicos, ora dramáticos, insólitos ou prosaicos, módicos ou conspícuos, crassos ou requintados, endêmicos ou sinodais, mas que nos proporcionam um

espetáculo ímpar, em que os atores principais são mundializados e os coadjuvantes são meros figurantes deste espetáculo assistido por milhões de espectadores, que pouco ou nada entendem desta representação errática. E talvez um dos nomes para esta teleológica peça da história contemporânea seria: "o mundo ao avesso", porque muitos dos acontecimentos desta "era dos extremos", fogem de nossa arcaica compreensão, pelo fato de ainda não se ter teorias ou meta-teorias, que esclareça com minudência esta sociedade global, ato em curso, sendo encenado pela atual humanidade.

A grande questão que se coloca é que, se se reconhece que a análise da sociedade realizada por Marx está correta, de que o desenvolvimento da sociedade capitalista e suas contradições leva à possibilidade de sua superação revolucionária; como compreender que, justamente, a classe trabalhadora está servindo de base para a reação política da qual emerge também o fascismo. Essa foi a grande questão de Wilhelm Reich quando refletiu sobre o fascismo em *Psicologia de Massa do Fascismo*, escrita em 1933 e que ajuda a pensar sobre o panorama atual.

Neste freudo-marxismo, movimento o qual pertencia Reich, buscava-se articular as ideias de Freud às de Marx, para fomentar alguns questionamentos delas derivadas (Rouanet, 1989). Este movimento freudo-marxista, ao contrário das ideias da III Internacional – que atacava a teoria psicanalítica – buscava encontrar respostas na subjetividade, e no seu potencial crítico, para compreender o movimento operário, tirando a psicanálise de certo idealismo burguês, e a colocando a serviço de pensá-la como uma ciência natural, possibilitando que ela possa compreender o indivíduo como ser bio-psíquico-social. Assim sendo, Reich desenvolveu tanto uma análise da participação dos processos psíquicos na determinação dos acontecimentos sociais e políticos, quanto uma análise, das contribuições dos elementos socioculturais na constituição do indivíduo.

Para Reich, quando a moral cultural expressada pela família burguesa, reprime o curso natural da libido genital, têm-se indivíduos neuróticos; que com o represamento pulsional e uma solução insatisfatória para este conflito, têm-se por consequência, relações neurotizadas no próprio social. Escreve Reich: "A vida pequeno-burguesa exerce uma ação permanente, penetra em todos os interstícios da vida cotidiana, pelo contrário, o trabalho na fábrica e os panfletos só exercem sua ação durante algumas horas". (Reich, 1933/1974, p. 67). Reich busca compreender os efeitos da moral e da família burguesa na constituição psíquica dos indivíduos, estes que estão resignados à lógica do capital. O autor reflete sobre o porquê estes indivíduos, pertencentes à classe explorada, trabalhadora não se rebelam. Nesta análise ele entende que a massa, - composta por esses trabalhadores -, constitui-se como um estado regressivo no qual a identificação e subordinação ao líder, remete à identificação infantil com o pai, e a uma postura servil perante a mãe e ao mesmo pai, solo fértil para que outros ocupem este lugar do pai, que possa livrá-la massa/indivíduo deste desamparo infantil. Segundo Reich ([1933] 1974, p. 56), há ainda indivíduos perversos, que são

aqueles que mantêm a economia da repressão sexual e da sexualidade não satisfeita no interior de seu psiquismo, e que busca essa satisfação de outra forma, de uma forma sádica/perversa. Ele não considera apenas que a repressão sexual se alie à reação política ao construir sujeitos passivos e neuróticos, ele também observa que essa repressão pode criar uma forma substitutiva da libido que é o sadismo, que segundo o autor, é a base da guerra e de suas atrocidades.

Para Reich, *"A ideologia de cada formação social não tem por única função refletir o processo econômico dessa sociedade, mas também a de a enraizar nas estruturas psíquicas dos homens dessa sociedade".* (Reich, 1933/1974, p. 21). Sendo assim, os indivíduos estariam sujeitos às suas condições de existência de duas maneiras: uma pela repercussão imediata da situação econômica e social e, a outra pela ideologia enraizada em sua estrutura psíquica, que pode estar em contradição com as condições objetivas de existência.

Ainda em dias atuais, não basta chamar a atenção da massa para as injustiças sociais, desemprego, trabalho precarizado, miséria e fome, conclamando-as à revolução do proletariado. Tem-se uma situação na qual as massas não ouvem/querem ouvir, e pior, ainda continuam respaldando o discurso fascista. Discurso este, que solapa os interesses dessa mesma classe social/massa. Ressurgem discursos moralistas em defesa de uma suposta família (idealizada e irreal), discursos que pregam a homofobia, lgbtfobia, xenofobia, misoginia, racismo, dentre outras violências. Esse panorama atual traz de volta o conteúdo recalcado/reprimido de uma sociedade conservadora e antidemocrática. Logo, a intepretação Reichiana volta a ser alternativa para pensar: que mundo é esse, de novo? De novo, vem à tona o sintoma, e de acordo com o próprio Reich a saída é o acesso dessas massas ao conhecimento científico. Entende-se que o conhecimento científico viria a ocupar o papel do suposto saber do pai e, empoderaria o indivíduo, que empoderado compreenderia a problemática e, lidaria melhor com seus "fantasmas", logo, com o mundo objetivo e subjetivo no qual também faz parte. Mas, o conhecimento científico ou entendido como a racionalidade, esta longe da massa, que busca no consumo amparo para viver o desamparo. Em períodos de crise, o que eram consideradas certezas já não se apresentam como tal, e há um aumento dos riscos, aspectos que, por sua vez, cronificam o desamparo do ser no mundo com os outros. E a saída mais fácil é o consumo irrefletido de coisas, que pode ser produtos, serviços, alimentação, drogas, pessoas, modos de ser, ideologias, etc. Hannah Arendt ([1951]2013) compreende que não se tratou de barbárie a ação de pessoas que contribuíram para o nazi-fascismo, e sim de alto grau de burocratização sobre as relações humanas, e que teve como resultado deste processo de "banalização do mal", a perda completa da capacidade de julgar, sentir, sensibilizar-se pela dor e sofrimento do outro humano, de conviver com as diferenças. Esta autora também observou que as massas vivem uma "solidão atomizada", em que o embotamento da capacidade do indivíduo de pensar por si está fazendo com o que este esteja em um processo de despersonalização, daí a perda da faculdade crítica e, por sua vez, do sentido da vida.

Durkheim ([1897] 1982) pensando sobre o mal-estar na civilização apresenta no seu estudo sobre o suicídio, que este fato social está estreitamente ligado ao estudo da divisão do trabalho. Ele observa que, o aumento de suicídio demonstra que o homem moderno não se sente confortável diante de traços patológicos na organização da vida coletiva. Durkheim denomina de anomia aos fenômenos inerentes as sociedades modernas como as crises econômicas, as inadaptações dos trabalhadores as condições de trabalho e a perda de autonomia do indivíduo como ator social, passando a ser sujeito de uma coletividade anômala. Portanto, o autor já vinha buscando compreender uma patologia da sociedade moderna refletida em seus indivíduos que, muitos sem acharem saída, chegam ao suicídio. Pode-se concluir que, momentos de crise provocam sofrimentos para a existência e manutenção desse ser no mundo, logo, resulta em uma maior quantidade de suicídio. Mas, essa sociedade anômala também produz seus anacronismos.

DA DOR DE EXISTIR PARA A ÉTICA DO CUIDADO

Na sociedade contemporânea, o consumo é que rege o mundo da vida da coletividade. Este é estimulado pela estrutura capitalista privada ou pública para estimular o crescimento econômico, e consequente geração de tributos. O fato é que o consumo promete o que não pode cumprir: a plenitude de estar no mundo, do fim da sensação de desamparo por meio da aquisição (exibição) de uma grande quantidade de coisas. A dedicação exaustiva ao trabalho como forma de se manter o padrão de vida, o medo de se perder o status social perante as oscilações econômicas, a insegurança perante o futuro, a falta de empregos, a miséria, a falta de saúde, para citar apenas algumas situações, possibilitam o surgimento deste denominado vazio existencial. E neste desespero do indivíduo, busca-se no consumismo um modo de preenchê-lo.

O indivíduo na sociedade atual tem sido convocado pela cultura para a busca do perfeito: do corpo, perpassando pelo trabalho/eficiência até o par perfeito. Como escapar dessa solicitação? Uma resposta é pensar que este indivíduo buscar aliviar-se ou tenta banir os afetos basilares na constituição do humano, como a tristeza, a dor, o luto, a angústia procurando dispositivos para sedá-los. As drogas, lícitas e ilícitas, ganham espaço e, não sem razão, que a droga mais difundida na atualidade, para esse propósito, são os antidepressivos, vendidos em farmácias que proliferam a cada esquina[1], fortemente prescritos pelo "poder médico-psiquiátrico vigente" para solução dessas dores.

Pensando neste mundo em que impera a busca pelo consumo para aplacar a dor da existência, Ortega Y Gasset ([1929] 1987) categorizam o "homem massa" a este indivíduo consumista

[1] A indústria-farmacêutica e os ganhos com as drogas que prometem o aplacamento de quase todas as dores do ser.

irresponsável e em estado de natureza., que de acordo com Assunção (2012 p. "17) "o homem-massa é um bárbaro que subiu pelo alçapão da história". Portanto, é um ser deslocado, existe em constante desvio. E "este desvio de rota da sociedade", desde logo, possuidor de aspecto desviante, está adoecido, porque os indivíduos que compõe este desvio também estão. E massa, como sujeito de massa de manobra para lideranças igualmente perdidas. Nietzsche também havia pensado nesta crise dos sentidos, que se expressava por um sentimento de mal-estar, e por uma sensação de vazio diante dos desafios da existência humana. Para ele o,

> "Niilismo como sintoma de que os enjeitados não têm mais nenhum consolo: de que destroem para serem destruídos, de que, dissociados da moral, não têm mais nenhum fundamento para "se resignarem" -, de que se colocam sobre o chão do princípio oposto e também de sua parte querem potencia, ao coagirem os poderosos a serem seus verdugos. Eis a forma europeia do budismo, o fazer-não, depois que toda existência perdeu seu "sentido"" (Nietzsche, F.[1881-1888] 1999, p. 435).

O niilismo moral se apresenta como sintoma de uma sociedade em crise, com ausências de perspectivas em decorrência da derrocada de valores, que o autor denomina de morais da sociedade moderna, que não possibilita o ser existir em sua potência. Observa Nietzsche,

> "O instinto de rebanho, (...), - uma potência que agora se tomou soberana -, é algo fundamentalmente diferente de uma sociedade aristocrática: e tudo depende do valor das unidades que a soma tem para significar ... Nossa inteira sociologia não conhece nenhum outro instinto senão o do rebanho, isto é, dos zeros somados -, onde cada zero tem "direitos iguais", onde é virtuoso ser zero"(Nietzsche, F. [1881-1888] 1999, p. 432-433).

Assim sendo, os indivíduos não vendo sentido no que fazem, devido ao atual panorama no capitalismo, eis que (re)surge o instinto de rebanho. E não seria esta mesma tonalidade que se tem em dias atuais?

O que poderia ser um antídoto a todo "esse mal" seria o afeto e a ética do cuidado. Participo da acepção freudiana publicada na Introdução ao Narcisismo de 1914 de que, *"(...) em última análise, precisamos amar para não adoecer"* (Freud [1914]2010, p.26). Assim sendo, uma saída pode ser voltar a centrar as ações na ética do cuidado do/com o outro e em um alargamento do conceito de nós, para que caibam muitas multiplicidades e diferenças dentro desse nós. Seriam

ações que se apresentam como possibilidades para que se minimize a atual crise. Talvez, a crise ambiental global, com seu modus de operar, que traz novas epistemologias para pensar a própria crise, tenha também o poder de trazer ao sujeito, assujeitado – sem nenhuma reflexão ontológica com relação a ele, ou a este mundo –, possibilidades de reflexão. Reflexões que perpassam pela compreensão de que somos seres de uma mesma espécie, e que habitamos em uma mesma casa chamada planeta Terra. Talvez esse mínimo-eu envolto em/com catástrofes, em decorrência das mudanças climáticas faça ressurgir a tonalidade afetiva do amor/cuidado do/com o outro como seres no/do mundo. E que essa lógica do cuidado possa fazer emergir os indivíduos protagonistas de sua vida, de soma ao seu lugar e ao planeta.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Em frente ao fascismo tem-se que amar, viver plenamente e produzir cultura, arte. A arte é o antídoto para todo o mal na forma pesada de pessoas que oprimem e seguem uma ordem primeva para sobreviver, esquecendo que o amor, a compaixão e a empatia. A arte tem o dom de trazer resquícios de uma vida perfeita, a intrauterina recheada de acolhimento. A arte e o amar é uma saída para aqueles que se apoiam no caminhar juntos em frente ao fascismo.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

Adorno, T. W, A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda, Publicado originalmente em Psychoanalysis and the Social Sciences 3 (408-433) 1951, Tradução José Leon Crochík, Revista Margem Esquerda nº 7, São Paulo Boitempo Editorial, 2006, 168-185.

Arendt, H. As origens do totalitarismo, São Paulo, Companhia de Bolso, 2013 (Trabalho original publicado em 1951).

Durhheim, E. O Suicídio – Um Estudo Sociológico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982 (trabalho original publicado em 1897).

Freud, S. Introdução ao narcisismo. In Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos, 2010 (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

_____.Totem e tabu. In Obras completas: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos, 2011 (Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)

_____. Psicologia das massas e análise do eu. In Obras completas: Psicologia das massas e Análise do eu e outros textos, 2011 (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

Ianni, O. Teorias da Globalização, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1997.

_____. A Sociologia e as questões sociais na perspectiva do século 21, Porto Alegre, 1999.

Nietzsche, F. Sobre o niilismo e o eterno retorno in Coleção os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

Ortega y Gasset, J. A Rebelião das Massas, São Paulo, Martins Fontes, 1987 (Trabalho original publicado em 1929).

Reich, W. Psicologia de Massa do Fascismo, Porto, Escorpião, 1974 (trabalho original publicado em 1933).

Rouanet, S. P. Teoria Crítica e Psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Souza, Herbert de. O Estado de São Paulo, São Paulo, 6 jul. 1996, p. 2